

■ POLÍTICA



FIF BMC Renda Fixa — 60 Dias

Maluf deflagra corrida por sucessão presidencial

A reconquista do apoio do PFL paulista para o candidato malufista à Prefeitura de São Paulo marca o primeiro passo para 1998

por Eliane Cantanhêde
de Brasília

A sucessão presidencial já começou. Mais uma vez, como em 1985, Paulo Maluf é quem deflagra o processo e o PFL pode ser o fiel da balança. Ao reconquistar o apoio integral do PFL paulistano para seus projetos, inviabilizando a candidatura José Serra à sua sucessão, o prefeito de São Paulo providenciou a primeira ação concreta da eleição de 1998. A tese da reeleição havia apenas despertado candidaturas latentes, como as de Itamar Franco, José Sarney e do próprio Maluf. Agora, Maluf saiu do discurso e foi à luta na prática.

O ministro do Planejamento, José Serra, desistiu da candidatura às eleições de outubro deste ano, mas já mergulha na campanha de 1998. Seu objetivo explícito é chegar ao Palácio dos Bandeirantes. Nem por isso deixa de reforçar sua agenda,

para aproveitar o trampolim do ministério e consolidar seu nome nacional, azeitando relações políticas com outras regiões, como o Nordeste. Na quarta-feira, por exemplo, terá programação no Ceará, um dos estados-chave para os tucanos.

Fernando Henrique perde três vezes: vê sua sucessão empinar com dois anos de antecedência, corre o sério risco de ficar ilhado entre capitais oposicionistas a partir de outubro e sofre os efeitos de ambas sobre as votações de interesse do governo no Congresso, especialmente as reformas constitucionais. Nesta semana, inclusive, são esperadas novas derrotas na votação da Previdência pelo plenário da Câmara. Tudo somado, a expectativa é de quedas progressivas de popularidade.

Avalia-se em Brasília que o presidente Fernando Henrique Cardoso e a tese da reeleição são as principais vítimas do processo desastrado

de escolha dos candidatos à Prefeitura de São Paulo. Depois dele, vêm o governador Mário Covas, sem candidato à prefeitura, além de obrigado a rever suas alianças num estado já difícil de administrar, e o PFL nacional, que mostrou claramente não ter conseguido, em três anos de esforços, retirar a seção paulista das garras de Maluf.

Numa conversa a dois com Fernando Henrique, no mês passado, Bornhausen havia assumido o compromisso, em nome do PFL, de apoiar os candidatos próprios do PSDB tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo. O compromisso caiu no vazio. Segundo Bornhausen, a cul-



José Serra

pa foi dos tucanos, incapazes de se decidir. Segundo importantes representantes do PSDB, ela foi dos pefelistas, que não controlaram seus próprios radicais paulistas e estão reféns do malufismo.

Avaliação de um dirigente pefelista: "Nada mudou para o PFL com a decisão de São Paulo. Não mudou o apoio a Fernando Henrique, nem a disposição de apoiar a reeleição, nem a ojeriza ao malufismo". Essa, entretanto, não é a sensação dos tucanos, que registram uma certa aproximação do presidente nacional do PFL, Jorge Bornhausen, e do senador Antônio Carlos Magalhães

(BA) com Maluf. Ambos foram os líderes da rebelião contra ele, em 1985, que acabou elegendo o oposicionista Tancredo Neves. Agora, voltaram às boas.

Serra negou o quanto pôde sua candidatura à Prefeitura de São Paulo, mas há pelo menos um mês vinha cruzando os resultados de pesquisas qualitativas e quantitativas. Suas conclusões: a disputa seria dura e agressiva, mas ele tinha reais chances de vitória. O mais difícil seria passar pelo primeiro turno, mas, se passasse, dificilmente algum outro candidato lhe tiraria o segundo.

Um dos trunfos de Serra seriam os programas de televisão. Ele contava com sua experiência de bom orador, desde os tempos da União Nacional dos Estudantes (UNE), e sua prática em escrever os próprios discursos. Sabia, porém, que nada disso teria efeito sem o tempo ne-

cessário. E era justamente tempo a mais na televisão e no rádio que ele esperava da aliança com os pefelistas, antes de se decidir. "Sem o PFL, eu não vou", avisou Serra a Fernando Henrique e a Covas, na quinta-feira. Na sexta, mostrou que o aviso era para valer.

Mais do que uma simples eleição municipal, o que está havendo na principal capital política e econômica do País é uma espécie de ensaio geral para as eleições de 1998. Se não conseguiu conter Maluf por fora, com o PFL, só resta ao governo tentar segurá-lo por dentro, com o próprio PPB que apóia o governo. A nomeação do deputado Francisco Dornelles para o Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, que não rendeu frutos nas votações do Congresso, pode começar a fazer sentido político. O governo espera que Dornelles seja um dos seus aliados contra a ascensão de Maluf.